

A casinha no alto da colina  
esconde-se entre os galhos da mangueira,  
fica ao lado uma roça pequenina  
onde cresce abundante macaxeira.  
Uma gentil morena – e que mão fina!  
assentada da porta na soleira,  
agita com paciência feminina  
os bilros da almofada costureira.  
Lá no fundo uma velha entre as galinhas  
espalha a refeição de espaço a espaço  
em porções econômico-mesquinhas.  
Chega um rapaz de foice sob o braço,  
diz à moça: “Bons dias, Mariquinhas”  
e atira-lhe uma rosa no reçoço.

Souza Pinto, Atônio de 1843-, Flor Agreste

Viver é seguir em frente,  
sem pensar no fim da estrada  
é ver no sol do poente  
o mesmo sol da alvorada.

Antonio de Oliveira, 1104; Trinos  
do Pitiguari: R.Guanabara 542  
59014-180 – Natal, RN

Noite cinza, nevoenta,  
insônia causa torpor.  
Só assim a gente tenta  
escrever versos de amor.

Abel B. Pereira

Como o bom impressor,  
na sua nobre função,  
aonde quer que eu for  
só deixo boa impressão.

Arlindo Nóbrega, 1105; Acontecências:  
Rua Manoel F. Albuquerque 457  
53427-270 – Paulista, PE

Por mais que os fins sejam puros  
renúncia tolhe horizontes;  
é o mesmo que erigir muros  
em vez de construir pontes!

Amália Max

Já, Marfísis cruel, me não maltrata  
saber que usas comigo de cautelas,  
que inda te espero ver, por causa delas,  
arrependida de ter sido ingrata.  
Com o tempo, que tudo desbarata,  
teus olhos deixarão de ser estrelas;  
verás murchar no rosto as faces belas,  
e as tranças de ouro converter-se em prata:

pois se sabes que a tua formosura  
por força há de sofrer da idade os danos,  
por que me negas hoje esta ventura?

Guarda para seu tempo os desenganos,  
gozemo-nos agora, enquanto dura,  
já que dura tão pouco a flor dos anos.

Basílio da Gama, José 1741-1795, Soneto

Edgard Rezende, Os mais belos sonetos brasileiros, 2ª Edição, 1947  
Casa Editora Vecchi Ltda. – www.estantevirtual.com.br

Canta, alma de cigarra,  
em nome do meu amor:  
és canção que na guitarra  
soluça saudade e dor...

Cid Carvalho, 1104  
Binóculo  
ivonildodias@secrel.com.br

– Fui à farmácia do Gil  
pra resolver minha dor.  
– E o que mandou-lhe o imbecil?  
– Que viesse vê-lo, doutor.

Dorothy Jansson Moretti

Junho/95, Fanal: Rua Álvares Machado 22, 1º, 01501-030 – São Paulo, SP

Morre no prado a flor; a ave nos ares  
ao tiro morre do arcabuz certo;  
morre do dia o esplêndido luzeiro;  
morrem as vagas nos quietos mares;  
morrem os gostos, morrem os pesares;  
morre oculto na terra o vil dinheiro;  
de encontro ao peito, que as ampara inteiro,  
morrem as setas dos cruéis azares;  
morre a luz; morre o amor; morre a beldade;  
na virgem morre a cândida inocência;  
morre a pompa, o poder, morre a amizade.

É de morte sinônimo a existência;  
no mundo é só perene e sã verdade;  
só não morre a virtude, a inteligência.

Moniz Barreto, Francisco 1804-1868, Soneto

Teu corpo, assim, sinuoso,  
cheira a convite suspeito:  
– o rio mais caudaloso  
tem mais mistérios no leito...

Divenei Boseli, 1103; Fanal:  
Rua Álvares Machado 22, 1º  
01501-030 – São Paulo, SP

Elina! Onde estás, querida?  
Sufoco em medo e terror!  
Como dói a própria vida,  
quando se sofre de amor!

Itabajara Catta Preta

Quando estás a caminhar  
na praia, invejo as marés,  
que são desculpas do mar  
para beijar os teus pés!

José Fabiano, 1104  
Trovas e Poemas  
rpacruche@gmail.com

Montada numa vassoura,  
voando com aparato,  
mesmo sem uma tesoura,  
a bruxa corta o barato.

Sylvia Reys

É no amor de uma mulher  
que mora todo o segredo  
daquele homem que quer  
vencer na vida sem medo.

Silvério R. da Costa, 1104  
O Patusco: Caixa Postal 95  
61600-970 – Caucaia, CE

Não viveremos a vida  
sem ter um amor qualquer...  
A vida só é vivida  
nos braços de uma mulher!

Swami Vivekananda

## SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XV, Nº 06 – 2011 JUNHO

Assinatura até 31.12.11: 6 selos postais de 1º Porte Nacional  
Não-comercial (R\$ 0,75) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

www.haicus.sf.nom.br

Éxtasis somos casi transparentes,  
casi llanto de ver las sevillanas.

Nada en el mundo – confesadlo, príncipes –  
nadie como vosotras,  
sevillanas bailando sevillanas.

Gerardo Diego 1896-1987, Sevillanas,  
Versos Escogidos, 1970  
Editorial Gredos, S.A., Madrid

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles

## SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.06.11, enviar até 3 haicus de quigos: Baganvília, Gatinho, Sete de Setembro.

Até o dia 30.07.11, enviar até 3 haicus de quigos: Dia do Dentista, Gato em Amor, Miosótis.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Rua Des. do Vale 914, Ap 82

05010-040 - São Paulo, SP

ou mfmnenendez@superig.com.br

3. A folha conterà o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

## QUIDAI S DE INVERNO



## – TEMAS DE INVERNO

No pátio da igreja,  
reina o mais terno alarido!  
Hoje tem quermesse.

Elen de Novais Felix

Arde a fogueira.  
No topo do pau-de-sebo  
cédula de cem!

Helvécio Durso

Além, pia o mocho.  
O vento sacode a mata.  
Começa a chover.

João Batista Serra

Antigo terreiro de café.  
Barracas lotadas.  
Quantão fervendo.

Maíra Kawauchi Weirs

Restaurante cheio  
no Dia dos Namorados.  
Jantar especial.

Regina Célia de Andrade

Espia o filhote  
da coruja buraqueira...  
Primeiro inseto.

Sérgio Baldan

Minuano  
chuvoso e frio  
castiga a face.

Therezinha Válio Corrêa

## HAICUS E M FOLHA



Pontinhos vermelhos  
desabrochando no verde  
morangos silvestres. B

Alba Crhistina

Em taças vermelhas  
mais um inverno saudando  
as suinãs despontam. I

Alba Crhistina

Em meio à plantinha,  
todo escondido entre as folhas,  
desponta o morango. D

Amália Marie Gera

Vasta plantação...  
e o perfume dos morangos  
saliando a boca! D

Amália Marie Gerda

Grande desafio!  
O pau de sebo se rende...  
O vencedor grita! I

Amália Marie Gerda

Tarde calorenta.  
A meninada tomando  
suco de morango. D

Analice Feitoza de Lima

Um vaivém na praça.  
Borboletas esvoaçantes  
na suinã florida. V

Analice Feitoza de Lima

Flores de setembro,  
suinã amarelada,  
nativa das matas. D

Argemira F. Marcondes

Morangos vermelhos  
na fruteira da vovó,  
uma tentação. V

Argemira F. Marcondes

Exibindo a grana,  
pau de sebo é atração  
atraindo a todos. V

Argemira F. Marcondes

Festejos juninos  
pau de sebo atrai olhares  
na noite gelada. D

Darly O. Barros

Toque natural:  
floridos, três suinãs  
na praça de bairro. V

Darly O. Barros

Fim de refeição  
sobremesa sobre a mesa:  
taças de morangos. D

Denise Cataldi

Crianças pequenas  
escalando pau de sebo.  
Rostos corados. D

Denise Cataldi

No pau de sebo,  
curso para subir.  
Festival de tombo! D

Djalda Winter Santos

Tigela de louça  
com moranginhos maduros.  
Boa sobremesa I

Djalda Winter Santos

Na fria manhã  
desnudo tronco com rubra  
florada suinã. I

Fernando L. A. Soares

Torta de morango  
distribuída em fatias.  
Pedidos de bis. A

Flávio Ferreira da Silva

À venda na feira  
morangos sem agrotóxicos.  
Plantação orgânica. V

Flávio Ferreira da Silva

A fila cresce  
enquanto as crianças  
deslizam no pau de sebo. I

Iracema Gomes

Pomar colorido  
chuva fina  
morango maduro. I

Iracema Gomes

Risos à volta,  
do pau de sebo.  
Gente na fila... I

Manoel F. Menendez

Garoto feliz,  
galgando o pau de sebo,  
alcança o prêmio. I

Maria App. Picanço Goulart

Olhos focados  
na vitrina:  
tortas de morango. I

Neuza Pommer

Areia nos pés,  
garoto escala  
pau de sebo. I

Neuza Pommer

Florada  
enfeita calçadas.  
Suinãs vermelhas. V

Neuza Pommer

Pelo alto-falante,  
caminhão anunciando  
caixa de morangos. B

Renata Paccolla

Em cima da mesa,  
morangos com chantili  
atraem crianças. V

Renata Paccolla

## D O S O N E T O

Edgard Rezende, Os mais belos sonetos brasileiros, 2ª Edição, 1947 Casa Editora Vecchi Ltda. – www.estantevirtual.com.br

Quanta graça na sua forma de ouro fino,  
quanto brilho no requintado lavor das suas  
rimas diamantinas, quanta elegância na sua  
síntese de jóia minúscula e fidalga da mais alta  
aristocracia espiritual!

Foi Girard de Bourneuil, trovador francês da  
provincia de Limousin, o criador do soneto, no  
século XIII. Girard morreu em 1278, sem  
conhecer e talvez mesmo sem imaginar as  
glórias fadadas a esse lindo produto do seu  
espírito, que havia de immortalizar tantos nomes e  
constituir relíquias de tantas literaturas.

Coube a Petrarca fazê-lo florir na Itália,  
passando-se em seguida a Portugal, à Espanha,  
ao mundo inteiro, para voltar depois, no século  
XVI, triunfante, à sua pátria, à França.

Gênero preferido e cultivado por quase todos  
os grandes poetas, tornou-se popular e por isso  
mesmo a forma poética que mais tem sofrido  
em mãos inexperientes. Difícil, a despeito das  
aparências, tem comprometido muitas intenções  
boas, não só de principiantes, como até de  
poetas já feitos...

“Le venin du scorpion est dans sa queue et le

merite du sonnet dans son dernier vers”<sup>1</sup>

Além de ser o mais difícil dos gêneros poéti-  
cos – “dos poemas de forma fixa é o soneto o  
mais usado em todas as línguas e o que mais se  
presta a todos os gêneros literários, desde o  
épico até o humorístico” (Manuel do Carmo,  
“Consolidação das Leis do Verso”, S. Paulo, 1919).

“O soneto para ser belo, diz ainda o mesmo  
autor, deve obedecer ao modelo tradicional do  
paralelismo das duas rimas dos quartetos, dos  
dois tercetos bem destacados e do conceito no  
último verso, fechando o poema”.

Para Banville, com muita razão, as rimas  
devem parecer – “surpresas de se encontrarem,  
mas contentes do seu encontro”. De fato assim  
é: no soneto, por excelência, deve ser cuidada a  
rima: – espontânea, harmoniosa, sons diversos,  
palavras indispensáveis à inteligência da frase, e  
sempre que possível categoria gramatical  
diferente, para a mais agradável “surpresa” a  
que se refere Banville.

No feliz conceito de F. Lolié: “Le sonnet,  
quand il s’adapte exactement à une idée  
complete, simples et precise quand il conserve

em meme temps l'unité de pensée et le mouvement lyrique, peut être une vraie création d'art".<sup>2</sup>

Emperrado, porém, nas rígidas correntes clássicas, que lhe não davam a mínima liberdade, revoltou-se ele, muito conseguindo com a lógica e asseada quebra dos primitivos grilhões. Falando a respeito, diz-nos Arnaldo Nunes: "O soneto, porém, não ficou na rigidez clássica. Evoluiu, tomou elasticidade, tanto na forma como no fundo: – pode dispensar o fecho; adquiriu o *enjambement*; <sup>3</sup> tornou-se lícito variar nas rimas, uma vez dispostas com uniformidade. Neste caso (da uniformidade das rimas) há exceções, às vezes boas. Mas é muito difícil não comprometer o ritmo. Isto não quer dizer que tenha ficado mais fácil. Nem mais fácil, nem mais difícil. É preciso é saber fazê-lo, ser artista e poeta, tecer a redoma e ter alguma cousa para colocar dentro dela..."

Sim, o que é preciso é ser artista e poeta, pois o soneto, dif-lo Alberto de Oliveira: "... vive ainda, entreja-se um dia ou outro com certo apuro, como aldeão que aos domingos põe a sua melhor roupa de ver a Deus, mas o mais das vezes quando aparece é maltrapilho e vulgar".

Sim, repetamos, o que é preciso é ser artista e poeta; saber fazer o soneto e ter alguma cousa para colocar dentro dele...

Enquanto houver poesia, o soneto há de ser imortal!... E. R.

O *enjambement*:  
<sup>1</sup> O veneno do escorpião está em sua cauda e o mérito do soneto em seu último verso.

<sup>2</sup> O soneto, quando se encaixa exatamente a uma idéia completa, simples e precisa; quando mantém ao mesmo tempo, a unidade de pensamento e o movimento lírico, pode ser uma verdadeira criação de arte. F.F.

<sup>3</sup> encadeamento

## LE SONNET

Je n'entrerai pas là, – dit la folle en riant, –  
je vais faire éclater cette robe trop juste!  
Puis elle enfle son sein, tord sa hanche robuste,  
et prête à contre-sens un bras luxuriant.

J'aime ces doux combats, et je suis patient.  
Dans l'étroit vêtement, vrai corset de Procuste,  
là, serrant un atour, ici le déliant,  
j'ai fait passer enfin tête, épaules et buste.

Avec art maintenant dessinons sous ces plis.  
La forme bondissante et les contours polis,  
voyez! la robe flotte, et la beauté s'accuse.

Est-elle bien ou mal en ces simples dehors?  
Rien de moins dans le coeur, rien de plus sur le corps,  
ainsi me plaît la femme, ainsi je veux la Muse.

Joséphin Soulayr

« Oeuvres Poétiques » (1847-1871)

Não caberei aqui, – diz-me, douda, sorrindo –  
vou romper-te afinal, colete de Procusto!  
Infla o colo e depois torce o quadril robusto,  
e estorce em demasia um braço airoso e lindo...

Nessas lutas, paciente esqueço um tempo infindo...  
Pelo estreito vestuário em que seu talhe ajusto,  
ora apertando um laço, ora outro desunindo,  
faço passar, por fim, cabeça, espádua e busto.

Sob as dobras da veste, os contornos, agora,  
desenhemos com arte... E a forma se avigora,  
vede: a roupa flutua e a beleza se acusa.

Estará bem ou mal nesses traços serenos?  
– Nada ao corpo de mais, nem na alma de menos –  
gosto assim da mulher a assim desejo a Musa.

Josephin Soulayr (1815/1891), trad. Álvaro Reis.

SF9802

"Sim, meus irmãos! Notícias boas trago-as: terra opulenta e sã, límpidas águas; o planalto se perde na restinga do rio... (anunciava Anchieta). É perto o litoral; será um céu aberto nossa São Paulo de Piratininga!..."

Portugueses e índios vão à lida: o mato é derrubado a toda brida. Erguem casas de taipas. Soberano nasce um povoado naquela planura, saudado pelas preces e a candura de Jesuítas, no solo paulistano.

Saem pelos sertões os Bandeirantes, à cata de esmeraldas, vão confiantes na futura riqueza e, em derredor dos trilhos e clarões das estadias, surgem vilas em vez de pedrarias. Deve a eles São Paulo ser maior!

Chega o negro que planta os cafezais; nascem bastardos das três raças, mais emigrantes nas ânsias da conquista! E a "Torre de Babel" aqui dá certo: o passado com o tempo é encoberto pelo prazer sem par de ser paulista!

A vila aflora como por encanto! As crendices do negro, o seu quebranto... O bugre a destilar as ilusões... Os portugueses... o amancebamento... de quando em vez saía um casamento de um paulista de estemas e brasões!

Povo estrangeiro! O mato se derriba; surgem caminhos: o "do Paraíba" para Minas e a Corte; a continuar o "Caminho do Sul" pra Curitiba; a máquina braçal, na serra a riba, atinge Santos, – "Caminho do Mar."

Mas, de fato, o transporte do paulista são caminhos que correm na conquista da cidade menina que sorri... são dois rios barrentos e bairristas e sobretudo grandes progressistas, – o Tietê e o Tamanduaeté!

Surgem trilhos nas ruas... burburinho... aí vem o toscão bonde... é de burrinho... lá vai por entre casas de beirais... – A refeição trivial – é picadinho, arroz, feijão, uns nacos de toicinho, pamonha e cafezinho. – Pra quê mais?!...

Vem o lampião de gás, vem a carruagem, crescem lavouras, surgem na paisagem as primeiras indústrias e, num preito aos jovens, no "Convento Franciscano" nasce o reduto sempre soberano: a velha "Academia de Direito".

São Paulo do Prefeito Antônio Prado: Jardim da Luz, Viadutos, um legado de realizações e de sucesso!  
– Transformou sua gente esse povoado na fremente Metrópole, no Estado que empunhou a bandeira do progresso!...

E superando suas próprias metas cresce a cidade, – mas cadê teus poetas?... Há "Cigarras" no Rio, em Fortaleza, em Belém, no Recife, é a romaria às Musas, numa ardente litania...

– Ó jovens de São Paulo, que frieza!...

A poesia propriamente dita, em São Paulo tardou a ser escrita, era impetuosa a civilização!... Mas seu fogo criador é incessante, oxalá para a Pátria a mais pujante: frutos do suor, colheita em profusão!

Surgem vates em Minas, na Bahia: há em Gregório de Matos a poesia satírica! – E há os liristas sensitivos... Canta Cláudio Manuel, surge Basílio da Gama, vem Durão... Eterno idílio, enlevo eterno dos contemplativos!

Mas, no início do século passado, São Paulo se levanta, dá o brado no seu Parnaso! E faz uma epopéia de paulistas em pleno encantamento, que desfolha estrofes de talento sobre essa deusa que é a Paulicéia!...

Minha terra de gênios imortais! Desfilarei as tuas credenciais neste trabalho que minha alma expande, para que, do teu estro nos anais, fique provado que São Paulo é grande!

Pedro de Alcântara Worms, Poetas Paulistas

"Filho," na minha versão é, num suave conceito, nosso próprio coração pulsando num outro peito

Pedro de Alcântara Worms

Pastora a mais formosa e desumana que fazes de matar-me alarde e gosto, como é possível que a um tão lindo rosto, unisse o Céu uma alma tão tirana?

Cruel, que te fiz eu, que me aborreces? Tens dentro o coração mais que um rochedo; sou tigre, sou leão, que meta medo, que apenas tu me vês, desapareces?

Por ti tão esquecido ando de tudo, que o gado no redil deixei faminto; o sol me fere a prumo, e não o sinto, a ovelha está a chamar-me, e não lhe acudo.

Lá vai o tempo já que em baile e canto, eu era no lugar o mais famoso; agora sempre aflito e pesaroso, tudo o que sei é desfazer-me em pranto.

Há pouco que encontrei alguns pastores, que vão comigo ao monte após o gado, e não me conheceram de mudado, que tal me têm parado os teus rigores!

Não sei que nuvem trago neste peito que tudo quanto vejo me escurece; a flor do campo parda me parece, e até o mesmo Sol acho imperfeito.

O mal que me sucede eu o mereço, que ingrato desprezei quem me queria; agora se me vê faz zombaria, que bem vingada está no que eu padeço.

Não me desprezes, não, gentil pastora, que igual castigo Amor talvez te guarda;

não sejas à piedade avessa e tarda; tem dó de maltratar a quem te adora.

Alexandre Gusmão 1695-1753, Écloga

É tarde! É muito tarde! Nos caminhos ele cedo encontrou a noite escura: e, unidas, como irmãs no mesmo berço, estavam a lira e a cruz na sepultura.

O futuro era vasto. Como pássaro, soerguido no píncaro dos Andes, embebe o olhar na dupla imensidade, do grande espaço e das savanas grandes...

Ele sentira desdobrar-se imenso, por sobre o mundo, o céu da liberdade; e pressentira as vozes do futuro na aclamação febril da mocidade.

E a mão repleta, a transbordar de louros, a fronte unguada, a derramar idéias, na dupla cruz do povo e dos escravos, ele traçou sublimes epopéias...

É tarde! Mas, na flor do firmamento, Deus abre agora estrelas fulgurantes... e sobre a vaga adornecida, ao longe, passam, boiando, "Espumas Flutuantes".

Brasílio A. Machado de Oliveira, Castro Alves

Minha terra é o país das serenatas; por noites de luar, enquanto a névoa, em trêmulas cascatas, no rio vem boiar,

as frautas, do violão ao som doído, aqui sabem dizer os segredos do amor, saudades vivas dos anos de prazer.

Jamais, em lábios rubros de espanhola, a cantiga gemeu, como uma só das belas serenatas, que escuta o nosso céu.

Jamais o gondoleiro do Rialto, que a onda acalentou, mais doce canto às auras do Adriático à noite suspirou.

Em meu país, o canto do tropeiro, sentado ao pé do lar, ou do rancho nos ermos, onde a lua encontrou-se a sonhar;

a cantiga do escravo suspiroso, no exílio do sertão, quando ao dia, que morre, ele despede sua pátria canção;

as "tiranias" doídas, que a viola, chorando despreendeu acordam mais o gênio da saudade, na sombra deste céu...

Nosso canto aprendeu as melodias, seus hinos virginais, da cascata no trémulo murmúrio, na voz dos sabiás...

Minha terra é o país das serenatas, por noites de luar... Vinde, filhos do além, ver quanto é doce sob a curva do céu aqui sonhar!

Brasílio Augusto Machado de Oliveira 1848-1919, Uma noite em São Paulo

O bichano vai correndo, que parece um busca-pé; vai a Santos num momento, fumegando o seu charuto com ares de chaminé.

O vagão corre ligeiro, quem tem medo de morrer? Caem todos já na serra, o vapor é só quem berra, morre a gente sem gemer.

Cá por mim não temo nada; não me pilha a ratoeira; o tal bicho é acrobata, lá dos trilhos sempre salta! Que bonita brincadeira!...

Quem tem medo de morrer, numa estrada tão "segura"? O passeio é deletável, há na serra água potável pra benzer a sepultura.

Seguro morreu de velho: quem avisa amigo é; quem quiser dar bons passeios, tem carrinhos, – sem receios, bem baratos lá na Sé.

Pedro Taques de Almeida Alvim, S. P. R. (São Paulo Railway)

Hóspede mais de três dias, instalado em casa alheia, pagando com cortesia almoço, jantar e ceia, a fora o quarto, que habita, má visita!

Pedro Taques de Almeida Alvim 1824-1849, Hóspede

Salve! oh! progresso que viras o mundo de dentro pra fora e o tomas jucundo!

É a ti que devemos ver hoje os janotas, de lunetas nos olhos com ar de idiotas.

Bigodes e peras, bengala na mão; a perna enfiada na calça balão.

E outros perrengues de branco lencinho, com mil arrebitos limpando o focinho.

Vazios de espírito na chocha cachola levantam a fronte com ar de pachola.

Assim ocultando do saber a escassez, que logo se nota falhando uma vez!

São estes bonecos de almas pequenas, dos vermes sociais perfeitos emblemas!

Altivos no luxo no mais pobretões, vaidosos imitam soberbos pavões!

Os homens d'outrora bem tolos que eram! tão lindos papéis pra si não quiseram!

Não iam aos bailes na valsa saltar, quais lindos peixinhos que saltam no mar.

Salve! oh! progresso que viras o mundo de dentro pra fora e o tomas jucundo!

As moças de hoje formosas que são tão feias se fazem c'ó a saia balão.

O corpo mimoso na saia enfardado, perde a elegância do talhe engraçado. Coitadas! parecemos nas ruas andando as barcas que correm as velas inchando!

Em casa, magrinhas um bilro parecem, na rua, tão gordas, repolhos que crescem.

Em casa mui alvas qual alvo jasmim, na rua tão rubras qual rubro carmim.

Em casa, dos lábios c'ó a flor desbotada, na rua, tão róseos e a face encarnada.

Em casa, vergando qual débil arbusto, na rua, tesinhas andando sem custo!

C'ó imenso chapéu a face cobrindo, às vistas profanas assim vão fingido

As leves cabeças agora enredadas, talvez que melhorem ficando pesadas.

Milagres do céu poder do "postigo!" Das damas faceiras tu és o feitiço!

Quem ao sério for isto olhando, muita pilhéria irá juntando!

E nós com pachorra o mundo estudamos; do mundo as tolices, assim castigamos.

Antonio Manuel dos Reis 1839-, Assim fareis!